SOJA

APESAR DAS DIFICULDADES DE OBTENÇÃO DE CRÉDITO E DOS PREÇOS EXTERNOS EM DECLÍNIO, CONTINUA EM EXPANSÃO O PLANTIO NOS ESTADOS CENTRAIS, ONDE A PRODUÇÃO PARECE SER MAIS RENTÁVEL. ESSA EXPANSÃO TEM COMO PRINCIPAL OBJETIVO MANTER A PARTICIPAÇÃO DO PAÍS NO MERCADO MUNDIAL. NO SUL, POR OUTRO LADO, HOUVE PEQUENO DECRÉSCIMO NA ÁREA PLANTADA E A ESCASSEZ DE CHUVAS PROVOCOU PERDAS EXPRESSIVAS.

O cultivo da soja continua percorrendo, na safra 1984/85, o que parece ser seu caminho natural nesta década: a expansão para os estados centrais. Novamente, os agricultores de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso aumentaram significativamente suas áreas dedicadas à sojicultura, apesar das dificuldades de obtenção de crédito e dos preços externos em franco declínio ao se iniciar o plantio.

Devido à conjuntura desfavorável, comentou-se muito que a área deveria reduzir-se, pois os produtores levantariam menos recursos de custeio do que se optassem por outros cultivos, como os de arroz, feijão ou milho. Além disso, os preços recebidos pelos agricultores, em 1984, foram considerados *decepcionantes* diante das expectativas iniciais e, no mercado externo, parecia não haver chance de imediata recuperação dos preços da soja e seus derivados.

Mesmo assim, a área total do plantio no país deve ter crescido algo em torno de 5%, segundo dados do *IBGE*. Esse crescimento, dadas as circunstâncias, merece exame mais detalhado. De um lado, nos estados da região Sul, houve pequeno decréscimo, inferior a 1%. De um total de 6,24 milhões de ha colhidos na safra 1983/84, 40 mil ha deixaram de ser semeados no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em contrapartida, em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, o plantio tem crescido nos últimos anos. Esses estados são responsáveis pela quase totalidade do acréscimo de 531 mil ha, registrados pelo *IBGE*, para as áreas brasileiras de soja, em 1984/85. Destaca-se Mato Grosso, onde o cultivo atingiu 761 mil ha, nesta safra, 223 mil a mais do que na anterior e quase onze vezes maior do que a área colhida em 1980.

Esses dados estão representados no Gráfico 08, onde se pode observar a evolução da área desde a safra 1979/80, nos principais estados do Sul e em dois estados do Centro-Oeste, assim como o total do Brasil. Na verdade, esse quadro permite visualizar a acomodação das áreas no Rio Grande do Sul e Paraná em torno de 3,6 milhões e 2,2 milhões de ha, respectivamente, ao mesmo tempo em que a área total do país cresce impulsionada pelos estados centrais.

É importante ressaltar ainda que, como os dados se referem à área colhida (exceto na safra 1984/85), as quedas mais acentuadas ocorreram em anos de quebra de safra (que aumenta consideravelmente a diferença entre área plantada e colhida). Isso é verdade para o Rio Grande do Sul na safra 1981/82, assim como para o Brasil, na safra 1982/83.

A configuração apresentada no Gráfico 08 sugere algumas reflexões. A primeira delas é que, mesmo nos estados do Sul, ainda não se apresentou à cultura da soja uma alternativa capaz de, efetivamente, concorrer por seus espaços. Os incentivos e programas de diversificação de lavouras, aparentemente, só serão bem sucedidos quando os agricultores puderem plantar produtos que se assemelhem à soja, em termos de *garantia* de comercialização e, dentro de certos limites, de preços.

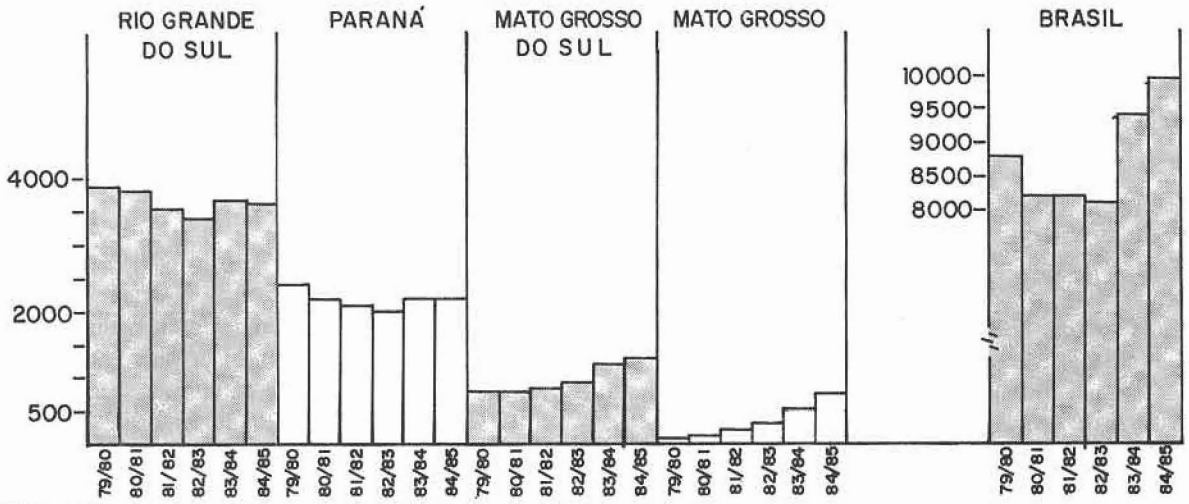
De outro lado, o crescimento do cultivo no Centro-Oeste mostra que, apesar da redução e, até, da escassez de crédito subsidiado para custeio, comercialização e investimento, há algumas safras, a produção regional consegue provavelmente ser mais rentável do que no Sul. Isto faz com que se vislumbre um novo ciclo de expansão na agricultura brasileira, representada pela produção no cerrado.

Manchas de terras planas, passíveis de pronta resposta à calagem e à aplicação de nutrientes, tornam-se excelentes para o cultivo mecanizado. O sistema regular de chuvas auxilia muito na obtenção de bons rendimentos físicos por hectare, que acabam mais do que compensando a distância dos centros processadores. Além disso, esse novo ciclo de expansão parece estar-se completando com instalações de unidades de moagem próximas às áreas produtoras.

Evidentemente, a região também apresenta alguns problemas. A médio prazo, a produção da soja deverá ser onerada pela pressão (previsível) sobre os preços das terras, ao mesmo tempo em que os custos de transporte poderão crescer mais do que os preços do grão ou de seus derivados. Mais ainda, com o passar dos anos, os produtores, a não ser que adotem uma postura menos predadora em relação à terra, da qual extraem seus lucros, poderão vir a enfrentar os

BRASIL E ESTADOS SELECIONADOS – ÁREA OCUPADA COM SOJA – 1979/80–1984/85
(1.000 ha)

GRÁFICO 08



FONTE – IBGE.

NOTA – Todos os dados são de área colhida, exceto os de 1984/85 que se referem a área plantada, segundo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE, de janeiro de 1985.

mesmos problemas da região Sul, como solos compactados, erosão e, em algumas áreas, ameaças de desertificação.

De qualquer modo, a expansão que vem ocorrendo representa a tentativa de o país manter sua participação no mercado mundial da soja e seus derivados. É preciso destacar que a produção tem-se situado, nas últimas cinco safras, sempre em torno de 15 milhões de t. Para 1984/85, as estimativas oficiais (de janeiro) projetam uma colheita de até 17,6 milhões de t, mas, provavelmente, este número está superestimado, não computando os danos causados pela seca de janeiro no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

O mercado, em todo o caso, estaria considerando, em fins de fevereiro, uma estimativa de produção ao redor de 16 milhões de t, levando em conta uma produtividade da ordem de 1.600 kg/ha, se realmente tiverem sido plantados os 9,95 milhões de ha indicados pelo levantamento de janeiro do *IBGE*.

Como se tratam de dados preliminares, reina uma grande incerteza, pois, se por um lado essas dificuldades impedem que se disponha de uma estimativa de produção mais precisa, por outro, é certo que nos estados do Sul não serão atingidos, nesta safra, os melhores rendimentos físicos. Isso porque a escassez de chuvas em janeiro impediu que a soja tivesse um perfeito desenvolvimento, com as plantas não *engalhando* o suficiente, o que deixou o solo excessivamente exposto ao sol. Em muitas lavouras, a soja apresentou porte muito baixo e reduzida formação de vagens. Neste caso, as perdas provocadas pela estiagem tornaram-se irreversíveis.

A situação era mais grave no Rio Grande do Sul, dadas as condições locais do solo, que intensificam os danos causados pela escassez de chuvas. A precipitação pluviométrica de fevereiro interrompeu o processo de *stress* das plantas, mas é possível que, em algumas áreas, as perdas sejam expressivas.

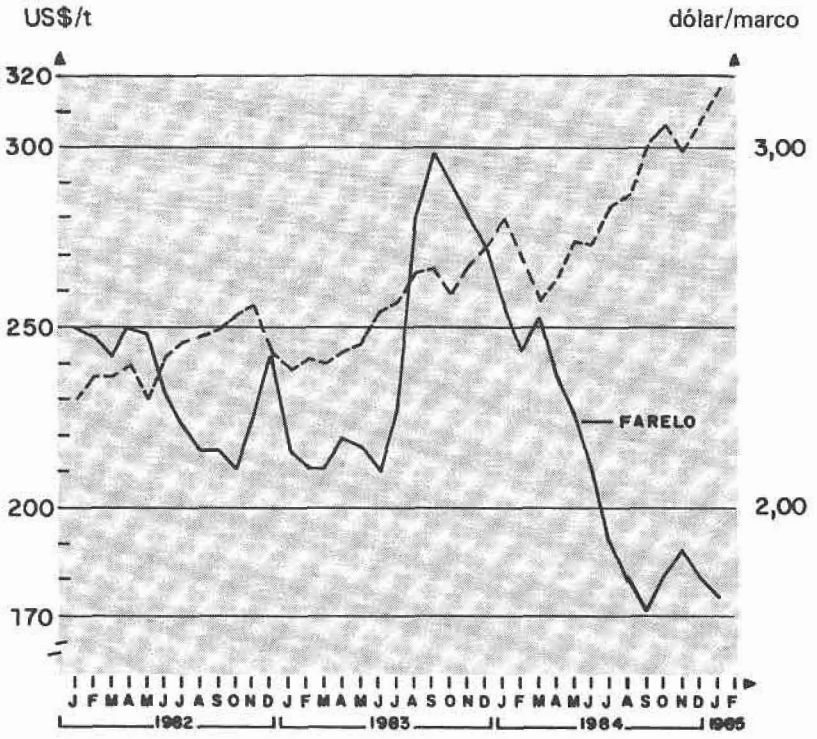
A região Centro-Oeste, por seu turno, vem contando com clima bastante favorável, exceto em partes do Mato Grosso do Sul, na região de Dourados. Lá, a principal preocupação da maioria dos produtores é, no momento, a questão dos preços.

Com efeito, as baixas cotações de Chicago refletem-se sobre os preços internos e têm provocado uma atitude muito retraída de parte das indústrias. A boa disponibilidade do grão, aliada à grande valorização do dólar no mercado europeu nos últimos meses, fez com que a cotação média do farelo, ou 78% do que é vendido pelas indústrias processadoras de soja, sofresse enorme retração. A cotação média do farelo de soja em Roterdã, em janeiro último, foi de apenas US$ 175/t, contra US$ 255/t um ano antes. O comportamento dos preços do farelo de soja no mercado europeu e a posição do dólar frente ao marco alemão estão apresentados no Gráfico 09.

Observa-se, ao longo de mais de três anos, que à valorização do dólar (quando cresce sua cotação em marcos) correspondem, muito freqüentemente, quedas dos preços do farelo. A única exceção ocorreu no segundo semestre de 1983, como

EUROPA – PREÇO DO FARELO DE SOJA E PARIDADE CAMBIAL ENTRE O DÓLAR NORTE-AMERICANO E O MARCO ALEMÃO
JAN/1982 – FEV/1985

GRÁFICO 09



FONTE – Oil World.

conseqüência da acentuada quebra da safra norte-americana.

Em 1984, assistiu-se ao fortalecimento incessante do dólar e quedas vertiginosas das cotações do farelo. Como desdobramento dessa situação, houve uma expressiva redução da demanda por farelos na Europa, ao mesmo tempo que, nos EUA, o consumo aumentava. A publicação alemã *Oil World* estima que o consumo na *CEE* deverá retrair-se dos 14,8 milhões de t na safra 1983/84 para 13,9 milhões em 1984/85. É interessante observar, ainda, que a quantidade consumida em 1982/83, naquele mercado, foi de 15,5 milhões de t de farelo de soja. Nos *EUA*, por outro lado, a demanda deverá expandir-se de 15,9 milhões de t no período entre outubro de 1983 e setembro de 1984 para 17,5 milhões em 1984/85.

O enfraquecimento dos preços do farelo tem origem no fortalecimento do dólar frente às moedas dos principais países compradores desse insumo, mas passou a ser agravado pela substituição, que vem sendo levada a efeito, de farelos proteínicos em geral por grãos, mandioca ou mesmo leite em pó, na composição das rações. Além disso, entre os farelos, acentua-se a tendência ao consumo daqueles provenientes de oleaginosas com menor proporção de farelo, como é o caso do girassol e da colza.

O fortalecimento dos preços do óleo, por sua vez, reflete uma redução dos estoques iniciais em 1º de outubro (quando se inaugura o novo ano comercial internacional) de 5,9 milhões de t em 1983(*), para 4,7 milhões, em 1984, ao mesmo tempo em que a redução da demanda por farelos vem desacelerando o ritmo de moagem e, portanto, da produção de óleos.

Em oposição ao farelo, o consumo mundial de óleos, segundo a *Oil World*, deverá crescer 3,2% no ano comercial 1984/85, o que reforça as cotações do óleo e faz aumentar sua participação no valor combinado dos dois derivados em relação ao grão. Atualmente, da moagem de uma tonelada de soja se obtém 180 kg de óleo, cujo preço representa mais de 40% do total obtido com a venda dos dois derivados da oleaginosa.

A reversão desse quadro depende de vários fatores: da posição do dólar frente às moedas européias, da disposição da *URSS* em voltar a importar quantidades expressivas de farelo, da produção de soja na América do Sul e do plantio da próxi-



(*) Refere-se ao estoque global dos óleos de soja, algodão, amendoim, girassol, colza, oliva, coco e palma.

ma safra norte-americana, que se inicia em abril. Produtores, comerciantes e industriais esperam ansiosamente que algum (ou alguns) desses componentes seja capaz de fortalecer o preço do farelo, o que imediatamente seria repassado para o grão.

No curto prazo, não é isso que se vislumbra. O dólar não mostrou sinais de enfraquecimento, apesar da intervenção dos bancos centrais europeus, no mercado de divisas. A produção sul-americana, por sua vez, parece apresentar bom desenvolvimento. A *Argentina* aumentou sua produção para 7,2 milhões de t (7% maior do que a de 1984) e o Brasil pôde colher, segundo informações até final de fevereiro, algo em torno de 16 milhões de t.

O comportamento dos soviéticos nos mercados internacionais de *commodities* é sempre uma incógnita e as intenções de plantio de soja nos *EUA*, apesar dos preços excessivamente baixos do grão, apontam uma redução de apenas 5% na área. É possível que a manutenção desses preços na proximidade do plantio seja capaz de fazer reduzir um pouco mais a área, o que, a médio prazo, gerará um fortalecimento das cotações.

Por ora, na entrada da colheita brasileira e diante desse panorama, é possível estimar que os preços em maio estejam ao redor de Cr$ 55 mil/60 kg, 1,74 vezes o preço médio recebido em maio de 1984, no Paraná e no Rio Grande do Sul.

Em termos macroeconômicos, as condições de comercialização das próximas safras de verão, dentre elas a soja, não são das mais confortáveis. Os recursos para *EGF's* e *AGF's* estão extremamente escassos e os preços de mercado de diversos produtos encontram-se muito próximos dos preços mínimos, fazendo com que haja uma pressão ainda maior sobre a disponibilidade de recursos do governo federal.

Especificamente no caso da soja, o comportamento dos preços externos reduz a fluidez dos negócios em todos os segmentos da comercialização e faz encolher o ingresso de divisas. Embora os produtores, na expectativa de elevações nos preços, possam tentar retardar um pouco suas vendas, a escassez de recursos para *EGF's* os forçará a apressá-las. A indústria, entretanto, estará enfrentando a mesma escassez de *EGF's*, assim como os preços baixos do farelo no exterior. Por isso, está-se prevendo um aumento substancial das exportações de grão, que seriam, neste início de ano comercial, a forma mais rápida e eficiente de comercializar a safra.

Em termos de escoamento da produção brasileira, é importante ressaltar que, às dificuldades expostas anteriormente, deverá somar-se a crescente concorrência por parte da *Argentina*. Prevê-se que este país deverá exportar algo em torno de 3 milhões de t de soja em grão e esmagar 3,7 milhões, o que lhe possibilitaria exportar 2,7 milhões de t de farelo e 530 mil t de óleo. A dimensão desses números é surpreendente, quando se sabe que a produção argentina de 1981 foi de 3,5 milhões de t e, naquele ano, sua exportação de derivados não chegou a 500 mil t, no caso do farelo e 100 mil t, no de óleo, segundo dados do *USDA*.

A produção da *Argentina* passa, no momento, por um processo semelhante ao ocorrido no Brasil na década de 70. Da mesma forma que os brasileiros, os argentinos parecem avaliar que seria mais compensador exportar os derivados do que o produto *in natura*. Recentemente, a taxação na exportação, que já era diferenciada, foi reduzida, no caso do grão, de 31% para 25% e, no dos derivados, de 16% para 10%.

O acirramento da concorrência entre os dois grandes produtores da América do Sul preocupa muito os industriais brasileiros, pois modifica a situação no mercado de prêmios — ágios ou deságios sobre os preços de Chicago, pela aquisição do produto numa origem determinada. Com isso, os preços *reais* ofertados pelo farelo e óleo nos portos brasileiros poderão retrair-se na medida em que haja uma boa disponibilidade para exportação desses produtos no país vizinho.

De qualquer forma, a competição com a *Argentina* pode ter até o aspecto salutar de obrigar o complexo soja brasileiro — produtores, comerciantes, industriais — a se preocupar mais com sua competitividade, em termos, principalmente, de produtividade agrícola, escoamento e transporte. Por ora, poder-se-ia dizer que o país poderá obter US$ 2,2 bilhões (ver Quadro 08) com a exportação de seus excedentes da safra 1984/85, ao invés de US$ 2,6 bilhões, nas últimas duas safras. Daqui em diante, é certo que se exigirá um esforço maior para manter a posição brasileira no mercado internacional.

QUADRO 08 — ESTIMATIVA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE SOJA EM GRÃO, FARELO E ÓLEO NO ANO COMERCIAL 1985/86

PRODUTO	QUANTIDADE (1.000 t)	PREÇO MÉDIO (US$/t)	VALOR (US$ milhões)
Soja em grão	2.000	211	442
Farelo	7.900	157	1.240
Óleo	900	617	555
TOTAL	—	—	2.237

FONTE — USDA e Abiove.